

# UMA APROXIMAÇÃO ENTRE VIDA ETERNA E LONGEVIDADE A PARTIR DE Jo 4,46–5,47

Rogério Silveira Goldoni\*

## Resumo

*O presente artigo busca aproximar a temática joanina da vida eterna com a longevidade. Tal discussão é perfeitamente possível, pois, no quarto evangelho, a vida eterna não é tratada apenas como aquilo que se espera na pátria futura, ou no mundo que o fiel adentrará pela ressurreição, mas é manifestação do dom da vida no hoje, e que, deste modo, nos provoca a pensar na longevidade não somente como viver muitos anos, mas em vivê-los com qualidade. Em João, vida e vida eterna são termos correlatos e constituem-se como eixo fundamental no bloco que inicia em 4,46 e se encerra em 5,47. Eles possibilitam ao leitor-ouvinte perceber que nos dois relatos de cura (filho do funcionário real e paralítico de Betesda) há a manifestação da vida por meio de Cristo, já que ele tem o poder de dá-la (Jo 5,21). Em Jo 4,46–5,47 crer e escutar a palavra são condições essenciais para ter a vida eterna e não ser julgado. Portanto, partindo deste texto, compreender-se-á a dinâmica da vida eterna enquanto tema teológico de João, e sua pertinente relação na discussão da longevidade.*

**Palavras-chave:** *Vida eterna. Longevidade. Manifestação. Crer. Palavra.*

## Abstract

*This article seeks to approximate the Johannine themes of eternal life with longevity. Such a discussion is perfectly possible, because in the fourth Gospel eternal life is not treated just as what can be expected in future homeland or in the world that the faithful will step by resurrection, but is manifestation of the gift of life today, and thus provokes us to think about longevity not only how to live many years, but in live them with quality. In John, life and eternal life are related terms and constitute itself as funda-*

\* Pós-graduado em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Mestrando em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

*mental axis in the block that starts at 4.46 and ends at 5.47, and allow the reader-listener realize that two us reports of healing (son of royal employee and paralyzed of Bethesda) there is the manifestation of life through Christ, since he has the power to give her (Jn 5,21). From Jn 5,24 we see that believe and listen to the word are essential conditions to have eternal life and not be judged. Therefore, based on this text, we can understand the dynamics of eternal life as a theological theme in John, and its relevant relationship in discussion of longevity.*

**Keywords:** *Keywords. Eternal life. Longevity. Manifestation. Believe. Word.*

## **Introdução**

Refletir sobre longevidade a partir das Sagradas Escrituras não significa tratar apenas dos muitos anos que uma pessoa pode viver, mas repensar como são vividos todos os anos, em termos de qualidade de vida. E não basta apenas falar das possibilidades da ciência para se ter uma vida saudável, pois a vida é dom de Deus, que parte dele, de outra realidade e toca a existência humana. Por isso, o presente artigo busca aproximar os temas da vida eterna e da longevidade a partir de Jo 5,24.

Para tanto, primeiramente será conceituada a vida eterna no quarto evangelho, como meio de perceber sua dinâmica e como pode ser ferramenta que propicia a discussão acerca da longevidade, além de considerar as possíveis diferenças entre vida, vida eterna e Reino de Deus para João.

Em seguida, observaremos a acentuação do tema vida (eterna) como eixo fundamental na estrutura de Jo 4,46–5,47, visto que é recorrente em todo o quarto evangelho. Porém, a ênfase maior a encontramos nas curas do filho do funcionário real (Jo 4,46-54) e do paralítico de Betesda (Jo 5,1-18), relatos que revelam a manifestação da vida na ação de Jesus Cristo. Depois disso, apresentaremos a possibilidade de tratar, em João, a vida eterna como parâmetro para se pensar na longevidade.

### **1. A vida eterna em João**

No evangelho de João há uma grande recorrência dos termos vida e vida eterna. O substantivo vida (*zoé*) é citado trinta e seis vezes, sendo que em dezessete vezes está junto com o adjetivo *aiónios* (eterna). Diante desta constatação lança-se uma primeira indagação: qual seria a diferença entre vida e vida eterna para o quarto evangelista?

Passando pelos sinóticos, percebe-se que há uma distinção nos conceitos de vida, vida eterna e Reino de Deus (que em João é encontrado somente duas

vezes: em 3,3 e 3,5). Porém, enquanto nos evangelhos sinóticos a vida eterna é sinônimo da vida após a morte, ou daquilo que se alcança na era futura, para João ela é uma possibilidade presente<sup>1</sup>. Deste modo, conclui-se que vida e vida eterna são termos correlatos e sinônimos do sinótico Reino de Deus<sup>2</sup>. Pois “a vida que vivemos na opção de fé assumida diante da palavra e da prática de Jesus é o exercício da vontade Deus, desde já – ou seja, aquilo que o ‘Reino de Deus’, profundamente, significa”<sup>3</sup>.

No evangelho encontramos a célebre frase dita por Jesus Cristo: “Eu vim para que tenham a vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10). Em João, observa-se assim que o tema da vida eterna não está ligado somente à vida futura que o crente terá, ou à certeza da pátria definitiva, mas é uma experiência da vida presente, ainda que não na sua totalidade. Além disso, é dom concedido por meio de Jesus Cristo, o pão de Deus (Jo 6,33), o pão da vida (Jo 6,35).

É certo que o Quarto Evangelho apresenta o caráter de uma escatologia final, em textos que enfatizam o alcance pleno da vida eterna após a ressurreição. Entretanto, realça o acontecimento de uma escatologia realizada, ou seja, a vida eterna não é somente um estado no qual se vive após a ressurreição, mas um estado que já se faz presente no hoje da atuação de Jesus Cristo<sup>4</sup>.

Quando Jesus cura o paraplético de Betesda, por exemplo, a ordem dada “levanta-te!” (Jo 5,8) revela que a doença foi vencida e é submetida à vida. Desde o presente da ação de Jesus diante do doente de Betesda há comunicação da vida eterna, assim como ocorreu na cura do filho do funcionário real, que marca o fato no presente “vai, teu filho vive” (Jo 4,50)<sup>5</sup>.

Por isso, o termo vida eterna (*zoé aiónios*) não denota a vida humana, mas um salto qualitativo, já que vem diretamente de Deus. É a “participação de uma vida de outra qualidade”<sup>6</sup>, que não é direcionada para um fim e que, por isso, é ilimitada, e que começa no hoje do ser humano, embora terá pleno cumprimento na ressurreição<sup>7</sup>– “é o definitivo de Deus em nossa vida”<sup>8</sup>.

1. BROWN, R. *El Evangelio según Juan*. Madri: Cristiandad, 1999, p. 151-152.

2. LÉON-DUFOUR, X. *Leitura do Evangelho segundo João I*. São Paulo: Loyola, 1996, p. 223.

3. KONINGS, J. *Evangelho segundo João*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 56.

4. BROWN, *El Evangelio según Juan*, p. 149-156.

5. BROWN. *El Evangelio según Juan*, p. 472-474; LÉON-DUFOUR, X. *Leitura do Evangelho segundo João II*. São Paulo: Loyola, 1996, p. 39-41.

6. KONINGS. *Evangelho segundo João*, p. 225.

7. CASALEGNO, A. *Para que contemplem a minha glória: introdução à teologia do Evangelho de João*. São Paulo: Loyola, 2009, p. 360.

8. KONINGS, *Evangelho segundo João*, 2005, p. 225.

João expressa no evangelho um dualismo entre luz e trevas (1,4-5.6-7; 3,19-21), carne e Espírito (3,5-6), espírito e carne (3,6; 6,63), e sua linguagem também é dual, pois quando o evangelista descreve Jesus Cristo como luz do mundo, verdadeira videira, bom pastor, a vida, a verdade; é como se falasse que tudo o que é terreno é aparência e mentira<sup>9</sup>.

Para Bultmann, o fato de o homem estar na mentira, preso à escuridão, significa estar fora da única realidade que é Cristo, a luz verdadeira, a verdade. E sendo Deus a única realidade, a vida eterna consiste em estar aberto para acolhê-lo por meio do Filho, que o revela: “a vida eterna é esta: que eles te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e aquele que enviaste, Jesus Cristo” (Jo 17,3)<sup>10</sup>.

Rebelando-se contra Deus, o homem decide viver em uma realidade aparente, já que abraça a si mesmo como o único princípio. Por isso, Bultmann assegura que o propósito do evangelista não seria acentuar o dualismo entre vida eterna e vida (física), mas contrapor morte e vida, luz e trevas, pois a única realidade existente é a vida de Deus comunicada por meio de Cristo (Jo 10,10), e o fato de não aceitá-la nem conhecê-la equivale à morte<sup>11</sup>.

Em linhas gerais, conclui-se que, para o quarto evangelista, a vida eterna “é vida escatológica do século futuro”<sup>12</sup>, do Reino escatológico que invadiu o presente. Continua com a carga futura devida ao futuro em Cristo, mas traz uma antecipação da pátria futura pela atuação do Senhor<sup>13</sup>. E é neste momento que encontramos a possibilidade de aprofundarmos a dinâmica da “vida eterna” no quarto evangelho a partir de Jo 5,24 visando sua aproximação com o tema da longevidade, pois, na ótica bíblica, viver não é apenas viver muitos anos, como viver bem todos os anos.

## 2. Estrutura do texto e delimitação

Charles Dodd<sup>14</sup> trabalha a dinâmica da palavra de Jesus, o Verbo (*Logos*) do Pai (Jo 1,14) que proporciona a vida. Neste intento, Dodd delimita um grande bloco, que parte de Jo 4,46 e se estende até Jo 5,47 onde ocorrem duas curas: a do filho do funcionário real e a do paraplético de Betesda.

9. BULTMANN, R. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2004, p. 439.

10. BULTMANN, *Teología del Nuevo Testamento*. Salamanca: Sigueme, 1981, p. 430-435.

11. BULTMANN, *Teología del Nuevo Testamento*, p. 430-435.

12. LADD, G. E. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2003, p. 381.

13. LADD, *Teologia do Novo Testamento*, p. 381.

14. DODD, C.H. *A interpretação do quarto evangelho*. São Paulo: Paulinas, 1977, p. 421-422.

No relato da cura do filho do funcionário real (4,46-54) observa-se a ordem dada por Jesus, quando fala “teu filho vive” (*yiós sou ze*), repetindo por três vezes a palavra vida (*zoé*: 4,50.51.53), sendo que em uma das vezes, em 4,51, são os servos que anunciam que o filho vivia. Deste modo, destaca-se neste texto o termo “vida” que tem elevada importância em João, pois mostra que Jesus é a vida (14,6), e por isso ele pode comunicá-la a quem quiser (5,26).

No segundo relato deste bloco (5,1-18) acontece o sinal da cura do paraplético que estava junto à piscina de Betesda. Não está explícito o termo “vida”, entretanto novamente a palavra de Cristo é dirigida para que aquele doente a recuperasse, o que seria um eco do prólogo que afirma que “o que foi feito por meio dele [Verbo] era a vida, e a vida era a luz dos homens” (1,4).

Depois disso, segue-se um grande discurso de Jesus (Jo 5,19-47), com a intenção de aclarar os dois sinais (4,46-54 e 5,1-18). No quarto evangelho, os discursos explicitam ao leitor o sentido dos gestos de Jesus, descritos em cada sinal<sup>15</sup>. Além disso, apresenta uma contínua volta a um tema central, que funciona como o *leitmotiv*. E no discurso de 5,19-47 são apresentados temas importantes como a divindade de Jesus Cristo e a unicidade de Deus, sua obediência ao Pai, e o testemunho. Entretanto, há uma contínua volta ao tema da *vida* (eterna), como é verificado nas seguintes passagens:

<sup>24</sup> Em verdade, em verdade vos digo: quem escuta a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a *vida eterna* [...] <sup>25</sup> em verdade, em verdade, vos digo: vem a hora [...] em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que o ouvirem *viverão*. <sup>26</sup> Assim como o Pai tem a vida em si mesmo, também concedeu ao Filho ter a *vida* em si mesmo.

<sup>28</sup> [...] vem a hora em que todos os que repousam nos sepulcros ouvirão sua voz, e <sup>29</sup> [...] sairão para a *ressurreição* (grifo meu).

Considera-se, portanto, que o centro de Jo 4,46–5,47 é a vida, que por meio de Cristo é comunicada, pois ele tem o poder de dá-la (Jo 5,21). Deste modo, seguindo a proposta de Dodd e acercando-a de Raymond Brown<sup>16</sup>, apresentamos um esquema de divisão deste texto que facilitará a compreensão da dinâmica da vida eterna como eixo fundamental nos dois sinais:

4,46-54 Introdução aos capítulos 5–10: Jesus dá a vida ao filho do funcionário em Caná.

5,1-47 Jesus e o sábado: Jesus realiza no sábado obras que só Deus pode realizar.

5,1-15 O dom da vida: cura do paraplético de Betesda.

15. FABRIS, R.; MAGGIONI, B. *Os evangelhos (II)*. São Paulo: Loyola, 1992, p. 321.

16. BROWN, *El Evangelio según Juan*, p. 453.

5,16-47 Discurso onde explica os sinais que comunicaram a vida:

5,16-18 Introdução: direito de Jesus atuar no sábado;

5,19-25 Seção I: obras de Jesus no sábado, dar a vida e julgar – escatologia realizada.

5,26-30 Duplicação da seção I: escatologia final;

5,31-47: Seção II: Jesus defende seu direito diante dos judeus.

### 3. Análise e interpretação do texto

Naturalmente não serão observadas todas as especificidades do que diz respeito aos dois sinais (filho do funcionário real e paralítico de Betesda), já que se buscou aprofundar a vida eterna e sua compreensão pontualmente a partir de Jo 5,24. Contudo, há vários elementos presentes nos dois relatos que poderão tornar o tema mais claro, além de facilitar a aproximação com a questão da longevidade.

Em Jo 5,24 Jesus diz: “em verdade, em verdade, vos digo: quem escuta a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna e não vem a julgamento, mas passou da morte para a vida”. São apresentadas duas condições para se ter a vida eterna: escutar o Senhor e crer no Pai. O resultado é que para estes não há julgamento, pois passam da morte para a vida. Destacaremos cada um desses aspectos de Jo 5,24 como meio de aclarar o entendimento do evangelista sobre a vida eterna.

#### 3.1. *Escutar e crer: condições para ter a vida eterna e não ser julgado*

Nos dois relatos de cura presentes neste bloco do evangelho (Jo 4,46–5,47) verifica-se a ação da Palavra de Cristo. A vida é recuperada no momento em que se escuta a ordem do Senhor “vai, teu filho vive” (Jo 4,50)<sup>17</sup> e “levanta-te, toma o teu leito e anda!” (Jo 5,8). Ora, Cristo é o Verbo (*Lógos*) do Pai (Jo 1,14), aquele que tem a capacidade de dar a vida (Jo 5,20).

No Antigo Testamento a Palavra de Deus (*dabar*) não é personificada, mas é criadora, e sempre está acompanhada de uma ação, pois Deus diz, e o que foi dito acontece, como é relatado no ato da criação (Gn 1,4.6.9.11.14.20.20.24-27).

E em João, Cristo é a Palavra hipostasiada e sua ação possibilita percebermos a íntima relação entre os dois sinais (cura do filho do funcionário real e do paralítico de Betesda), pois neles o *Lógos* é o agente transformador: Cristo diz e a vida é restituída. Esta dinâmica também se repete no sinal das bodas de

17. BROWN, *El Evangelio según Juan*, p. 474.

Caná (2,1-12), na multiplicação dos pães (6,1-15) e na ressurreição de Lázaro (12,32-43).

Na Sagrada Escritura a doença é sinal do domínio da morte sobre o homem<sup>18</sup>. Por isso, João mostra que a ação de Jesus livra a pessoa da morte, e a faz recuperar a vida. Cristo dá a vida a quem ele quer (Jo 5,21), o que não quer dizer que sua ação é arbitrária, do tipo quem diria “a este eu quero dar a vida, mas àquele ainda vou pensar!” “Dar a vida a quem quer” denota, sim, o caráter ilimitado desta ação de Jesus, fruto do poder que do Pai recebeu, e que, de modo algum, é uma imposição; tanto que em 4,47 é o pai quem procura Jesus e pede que cure seu filho, e em 5,6 Jesus pergunta para o parálítico “queres ficar curado?”<sup>19</sup>

Por isso, onde a palavra de Jesus encontra eco, há passagem (*metabaino*) (Jo 24) da morte para a vida, que está em relação com o seu êxodo, a sua hora de passar (*metabaino*) deste mundo ao Pai (Jo 13,1). O grego *metabébeken* (Jo 5,24) está no tempo perfeito, e o aspecto deste tempo indica uma ação realizada que é contínua em seu resultado; ou seja, o efeito da palavra acolhida é permanente. Cristo traz o pão e a água viva, pois o mundo está morto (Jo 4,10; 6,27). E sua palavra é o ambiente favorável para que o ouvinte tenha uma relação com o Senhor, e saia da treva para a vida<sup>20</sup>.

Outra condição para se ter a vida eterna é crer (Jo 3,15.16.36; 5,24; 6,40.47.54), que significa aderir a Jesus como Filho enviado de Deus e se abrir à sua ação. Não é apenas ter linhas doutrinárias semelhantes a outros que dizem serem seus seguidores, mas é mudar, nascer outra vez (Jo 3,3-21): crer “significa abandonar-se, confiar a própria existência a um outro que merece confiança”<sup>21</sup>.

A acolhida do Reino, que é Jesus Cristo, é guia seguro para verificar a certeza de crer no Senhor (Jo 5,43-44). A partir de outros textos percebe-se que crer exige o seguimento, pois “vós não credes porque não sois das minhas ovelhas. As minhas ovelhas escutam a minha voz, eu as conheço e elas me seguem; e eu dou a vida eterna...” (Jo 10,27-28).

Jesus dá a vida eterna e tem o poder de ressuscitar os mortos e julgar (Jo 5,21). Na fé judaica, ressuscitar os mortos e julgar eram duas obras supremas de Deus. E em João, há a novidade da comunicação deste poder do Pai ao Filho, Jesus Cristo, prevalecendo a comunicação da vida: o Filho dá a vida a quem quer

18. LÉON-DUFOUR, *Leitura do Evangelho segundo João II*, p. 40.

19. LÉON-DUFOUR, *Leitura do Evangelho segundo João II*, p. 41; MAZZAROLO, I. *Nem aqui, nem em Jerusalém*. Rio de Janeiro: Mazzarolo, 2001, p. 94-95.

20. MATEOS, J.; BARRETO, J. *O Evangelho de São João*. Análise linguística e comentário exegético. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 277-278.

21. CASALEGNO, *Para que contemplem a minha glória*, p. 350.

(Jo 5,21); os que escutam a palavra e creem no Pai têm a vida eterna (Jo 5,24); e os que ouvirem a voz de Deus viverão (Jo 5,25).

O Filho dá a vida, assim como o Pai (5,21) e, além disso, julga (5,22). Mas de que julgamento se trata? Segundo o sentido joanino, é a privação definitiva da vida<sup>22</sup>. O Filho comunica a vida, e o julgamento é a recusa do homem de reconhecer o Filho como portador da autoridade dada pelo Pai. Por isso, todo aquele que crê no Filho único de Deus tem a vida eterna (Jo 3,16), de tal modo que não será julgado (Jo 3,18).

Na apocalíptica judaica é o julgamento que prevalece, mas em João é o dom da vida, e o que era esperado para o final dos tempos já se manifesta no presente<sup>23</sup>. É uma escatologia na história, de tal modo que “o juízo não é mais uma sanção que intervém no fim dos tempos, mas se realiza no encontro do Filho”<sup>24</sup> e, por isso, é “presenteísta”<sup>25</sup>. E quem aceita a proposta do Filho e o acolhe, “entra na comunhão com o Pai, do mesmo modo que o Filho está nesta comunhão”<sup>26</sup>, e não comparecerá a qualquer julgamento.

Esta mesma dinâmica da comunhão com Deus é acentuada quando Jesus diz que “a vida eterna é esta: que eles te conheçam...” (Jo 17,3), pois o conhecimento no sentido bíblico sempre denota intimidade, comunhão com aquele que se conhece.

No hebraico, conhecer (*yāda* ‘) indica uma adesão total de uma pessoa a uma realidade, é a intimidade ou relacionamento profundo com o outro. O profeta Isaías diz que “o boi conhece o seu dono, e o jumento, a manjedoura de seu senhor, mas Israel é incapaz de conhecer...” Oseias afirma que o povo havia se separado de Deus (e por isso o povo é tratado como a esposa infiel – Os 2,4-15), e deveria conhecer a Deus, ou seja, voltar a ter um relacionamento profundo e íntimo: “Conheçamos, corramos atrás do conhecer o Senhor” (Os 6,3).

No Novo Testamento, de forma geral, é possível encontrar *ginôsko*, tradução do hebraico *yāda* ‘. E, mais especificamente em João, conhecer também se baseia na experiência<sup>27</sup>. *Ginôsko* “implica com frequência o modo de conhecimento: experiência, intuição, trato, informação, aprendizagem”<sup>28</sup>.

22. LÉON-DUFOUR, *Leitura do Evangelho segundo João II*, p. 42.

23. LÉON-DUFOUR, *Leitura do Evangelho segundo João II*, p. 39.

24. MARGUERAT, D. (org.). *Novo Testamento: história, escritura e teologia*. São Paulo: Loyola, 2009, p. 464.

25. MARGUERAT, *Novo Testamento*, p. 464.

26. MAZZAROLO, *Nem aqui, nem em Jerusalém*, p. 93.

27. LADD, *Teologia do Novo Testamento*, p. 384.

28. MATEOS; BARRETO, *O Evangelho de São João*, p. 39.



Escutando a palavra do Senhor, crendo no Pai, que enviou seu Filho amado e o conhecendo, há a passagem da morte para a vida. Quem já vive esta realidade não se preocupa com nenhuma sentença, apenas em viver a experiência da vida eterna, que começa no hoje do ser humano e garante a qualidade do dom da vida que vem de Deus.

#### 4. A vida eterna e a longevidade

Viu-se que a vida eterna é a participação desde já na vida em união com Deus, uma nova realidade propiciada por Jesus Cristo, e que não devemos nos enganar pensando que a eternidade é um mero além, uma pós-vida<sup>29</sup>, pois, inclusive, tem implicações éticas<sup>30</sup>.

Por isso, propomos uma aproximação da vida eterna na visão joanina com o tema da longevidade, não no sentido de equiparar o número de dias que vivemos na terra com aquilo que nos é prometido junto de Deus, mas para lançarmos questões sobre a qualidade de vida.

Trabalhamos, até aqui, a relevância teológica da “vida eterna”, como eixo fundamental, no sinal da cura do filho do funcionário real (Jo 4,45-54) e do paralítico de Betesda (Jo 5,1-18). E os dois relatos, em conexão com a proposta de Jesus de oferecer a vida, nos colocam na perspectiva da longevidade.

Havia um doente ao lado da piscina, há trinta e oito anos. Em Dt 2,14 refere-se ao tempo que os hebreus esperaram até a entrada na terra prometida, o que em João significaria a submissão ao pecado, representada na pessoa do paralítico, que impede os homens alcançar a terra prometida, o Reino<sup>31</sup>. Mas também há correspondência com o número quarenta, entendido como o tempo de um ciclo, de uma geração: quarenta anos do reinado de Davi (2Sm 5,4), quarenta anos do reinado de Salomão (2Cr 9,30) e os quarenta anos do povo no deserto, que acarretou com o fim daquela geração (Nm 32,13).

Relacionado com o número quarenta, pode-se afirmar que os trinta e oito anos do enfermo sejam um meio de assegurar que ele estivesse quase que toda uma vida privado de liberdade, prestes a morrer<sup>32</sup>, ou que estivesse ainda vivendo seus anos sem conhecer a dignidade de viver<sup>33</sup>. Curado, participa da vida eterna como alguém que vive já algo que será pleno com a ressurreição.

29. KONINGS, *Evangelho Segundo João*, p. 225.

30. COENEN, L.; BROWN, C. (orgs.). *Dicionário internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 2.651.

31. MATEOS; BARRETO, *O Evangelho de São João*, p. 259-269.

32. MATEOS; BARRETO, *O Evangelho de São João*, p. 247.

33. MATEOS; BARRETO, *O Evangelho de São João*, p. 247.

João afirma que Jesus subiu para Jerusalém por ocasião de uma festa dos judeus. Que festa seria essa? Parece não ser tão importante dizer qual era a comemoração, tanto que João não a distingue, como faz em outros relatos – festa da Páscoa (2,13 e 6,4), festa das Tendias (7,2) e festa da Dedicção (10,22)<sup>34</sup>.

Contudo, observa-se que o desenrolar da história revela que o parálitico não podia participar de tal festividade, já que era “uma festa dos judeus”, qualificada a partir de quem a enxerga de fora. É como se houvesse um limite que ali impunha àqueles doentes, excluindo-os da festa<sup>35</sup>.

Assim também, é possível pensar em longevidade com qualidade de vida, quando é possível celebrar a vida e os momentos religiosos e sociais. Neste sentido a vida eterna se manifestou na pessoa do homem junto à piscina de Betesda.

João remete seus leitores ao ambiente onde acontece a cura do enfermo: a piscina de Betesda, com cinco pórticos (Jo 5,2), que provavelmente se tratasse de um lugar onde se ensinava a Lei<sup>36</sup>. É possível que o evangelista buscasse chamar a atenção sobre a debilidade da Lei, que não trazia vida para as pessoas. Mas também podemos pensar que a vida propiciada por Cristo nos insere na celebração, e que pensar na longevidade exige reflexão sobre a possibilidade de celebrar a vida.

Encontram-se vários comentários sobre o local desta cura. E estudos revelam que a piscina de Betesda seria um santuário (situado ao norte do Templo) da época da dominação romana em Jerusalém, dedicado a Asclépios Seraphis, uma divindade grega. Os judeus celebravam nesta piscina o início das chuvas, e os romanos provavelmente substituíram esta celebração pelo culto a Asclépios.

O fato é que junto deste lugar surgem símbolos fortes, que parecem acentuar a grave situação daqueles doentes, já que, segundo João, havia inúmeros cegos, coxos e paráliticos deitados pelo chão (Jo 5,3); o local ficava próximo à Porta das Ovelhas, lugar por onde, segundo a tradição, eram encaminhadas as ovelhas para o sacrifício no Templo (Ne 3,1.32 e 12,39).

E este fato nos ajuda a pensar que viver muitos dias com qualidade requer não se deixar levar por ilusões, propostas que na sua raiz mesma são injustas, como sugere João, quando afirma que, às vezes, um Anjo do Senhor se lavava, agitando a água, e que somente o primeiro que entrasse seria curado. Certamente alguém como o parálitico ficaria ainda muitos anos tentando a cura<sup>37</sup>.

34. MATEOS; BARRETO, *O Evangelho de São João*, p. 245-247.

35. MATEOS; BARRETO, *O Evangelho de São João*, p. 245-247.

36. MATEOS; BARRETO, *O Evangelho de São João*, p. 246-247.

37. No texto o termo usado para a *agitação* da água *tarásson*, que no Novo Testamento é mais comum ao se referir a sublevação (alvorço, tumultos) de grupos de pessoas (At 17,8.13; Gl 1,7; 1Pd 3,14), enquanto que *saléuo* trata da agitação como fenômeno da natureza (Mt 11,7). Logo, é possível que a agitação da água se refira “[...] à ilusão do povo oprimido de encontrar remédio em agitações populares. [...] É a armadilha de libertação que nunca chega a realizar-se” (MATEOS; BARRETO, *O Evangelho de São João*, passim).

A liberdade também é um tema fundamental quando se pensa na longevidade. João salienta que, assim que fora curado, o paraplégico tomou o seu leito e andou (Jo 5,10). O leito aparece como o símbolo da doença, fragilidade, falta de liberdade para agir, e que mantinha preso o doente. Mas, após o encontro com Cristo, o leito não tem direitos sobre o homem, e é aí que ele se torna testemunha daquele que o curou.

Há muitas amarras que envolvem o ser humano e não possibilitam uma vida longa e com qualidade. E agir com liberdade possibilita uma nova postura até mesmo diante de leis que não favorecem a vida, como ocorreu com o doente de Betesda, que perante as autoridades que diziam “é sábado e não te é permitido carregar o leito” (Jo 5,11), apresentou-se não como mais um observador daquela lei, pois aderiu a Cristo: “Ele respondeu: aquele que me curou, disse: ‘toma teu leito e anda’” (Jo 5,11).

Em Jo 5,14 Jesus diz àquele que recuperou a saúde: “eis que estás curado; não peques mais, para que não te suceda algo ainda pior”. Léon-Dufour pensa que “Jesus não estabelece um laço entre pecado e doença, ele vincula ‘saúde’ e conduta sem pecado”<sup>38</sup>, como modo de dizer que “o dom de uma vida sadia requer uma conduta justa”<sup>39</sup>.

Ter uma conduta justa significa tomar parte no projeto de Cristo: abandonar a falsa esperança de cura, converter-se e testemunhar a Cristo. Afirmou-se que crer, como meio de se obter a vida eterna, é aderir ao Senhor, pois a fé é existencial, e não mera aceitação da tradição cultural, pois o ato de fé “não se limita à adesão convicta e pessoal a Jesus, mas possui um sentido mais amplo: inclui um processo de conversão”<sup>40</sup>. Dessa forma, pensa-se que viver muitos anos exige da pessoa conversão em todas as relações: consigo mesmo, tendo a vida como valor primordial; com o próximo, amando-o e sentindo-se corresponsável, dando um salário digno aos funcionários, estabelecendo relações humanizadoras; com a criação, entendendo que tudo vem de uma mesma mão criadora e que está em nossas mãos a oportunidade de zelar por aquilo que Deus criou; e com o próprio Deus, procurando-o, como fez o funcionário real, conhecendo-o, no sentido da intimidade relacional, e dando espaço para que a vida eterna se manifeste no hoje de nossa existência, pois *aiónios*, vinculado a *zoé*, revela a peculiaridade qualitativa da vida, que pertence à era futura, “mas não exclui a quantidade de tempo dessa vida”<sup>41</sup>.

38. LÉON-DUFOUR, *Leitura do Evangelho segundo São João II*, p. 28.

39. LÉON-DUFOUR, *Leitura do Evangelho segundo São João II*, p. 28.

40. CASALEGNO, *Para que contemplem a minha glória*, p. 352.

41. COENEN; BROWN, *Dicionário internacional de Teologia do Novo Testamento*, p. 2.651.

Diante de todas estas considerações, é preciso aclarar que a vida eterna, a partir da ótica joanina, não é um prolongamento infinito desta vida que nos cerca, na realidade deste mundo, mas um momento novo que será pleno junto de Deus e que já se manifesta hoje. Por isso que é um salto qualitativo, já que se trata da vida que vem de Deus, e pela mesma razão é possível aproximar a vida eterna da longevidade, pois não se busca apenas viver muitos anos, mas viver todos os anos nesta experiência escatológica do “ainda não” (da pátria definitiva), que se manifesta “já” da nossa situação humana.

### Considerações finais

A temática da vida eterna parece sempre nos remeter àquilo que é prometido na pátria definitiva, à experiência que o cristão viverá como ressuscitado diante de Deus. Porém, analisou-se que, embora o quarto evangelho também apresente este tema, seu propósito é mostrar que não se trata apenas do que é esperado no século futuro, mas levar o leitor-ouvinte a uma experiência presente da vida eterna.

E é no âmbito desta experiência que o evangelho possibilita o debate acerca da longevidade; Ela não está na busca de ponderar o número de anos que se vivia e que o ser humano pode hoje alcançar. Mas, numa perspectiva bíblica e de fé é perfeitamente coerente pensar que a vida eterna, manifestada na realidade humana, pede uma vivência em termos de qualidade. Essa qualidade não só de bem-estar, mas de conversão, pois a manifestação da vida como dom Deus insere o ser humano numa profunda relação com o Senhor, numa intimidade que exige, entre outras coisas, sua transformação.

Como dom de Deus, a vida eterna é mediada pela pessoa de Jesus Cristo, e quem escuta sua palavra e crê no Pai, já a possui (Jo 5,24). Essa dimensão é perfeitamente observada nos dois relatos de cura, a do filho do funcionário real e do parálítico de Betesda. Nos dois casos constata-se uma privação da vida, seja pela falta de saúde ou pela paralisia, pela impossibilidade da participação na vida religiosa e social, ou pela insuficiente liberdade. E a atuação da palavra de Cristo é manifesta nos dois relatos, permitindo compreender o que, Cristo, o *Lógos* do Pai, tem o poder de manifestar: Ele diz e o parálítico retoma a vida.

Verificou-se, ainda, que a vida eterna é totalmente experimentável neste mundo. E é por este viés que o seu discurso incide na temática da longevidade, uma vez que escutar o Senhor e crer não sugere inserir o fiel apenas no âmbito daqueles que corroboram verdades doutrinárias, senão aproximá-lo em termos de intimidade com Deus. E, se é aceitável que, desde já, o ser humano é transformado pelo dom da vida que Deus propicia, é perfeitamente cabível a conclusão: os dias do ser humano precisam ser ressignificados pela categoria qualitativa que tem fonte em Deus mesmo. Em outras palavras, pensar em longevidade significa equiparar os dias vividos a partir da vida dada por Cristo.

## Bibliografia

- BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2004.
- BROWN, R. *El Evangelio según Juan*. Madri: Cristiandad, 1999.
- BULTMANN, Rudolf. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Teología del Nuevo Testamento*. Salamanca: Sigueme, 1981.
- CASALEGNO, A. *Para que contemplem a minha glória: introdução à teologia do Evangelho de João*. São Paulo: Loyola, 2009.
- COENEN, L.; BROWN, C. (orgs.). *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.
- DODD, C.H. *A interpretação do quarto evangelho*. São Paulo: Paulinas, 1977.
- FABRIS, R.; MAGGIONI, B. *Os evangelhos (II)*. São Paulo: Loyola, 1992. (Coleção bíblica Loyola, v. 2)
- KONINGS, J. *Evangelho segundo João*. São Paulo: Loyola, 2005.
- LADD, G.E. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2003.
- LÉON-DUFOUR, X. *Leitura do Evangelho segundo João I*. São Paulo: Loyola, 1996. (Coleção bíblica Loyola, v. 13).
- \_\_\_\_\_. *Leitura do Evangelho segundo João II*. São Paulo: Loyola, 1996. (Coleção bíblica Loyola, v. 14)
- MARGUERAT, D. (org.). *Novo Testamento: história, escritura e teologia*. São Paulo: Loyola, 2009.
- MATEOS, J.; BARRETO, J. *O Evangelho de São João*. Análise linguística e comentário exegético. São Paulo: Paulinas, 1989.
- MAZZAROLO, I. *Nem aqui, nem em Jerusalém*. Rio de Janeiro: Mazzarolo, 2001.
- NESTLE, E.; ALAND, K. *Novum Testamentum Graece*. 28. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.

Rogério Goldoni Silveira  
Rua Alcides Munhoz, 190 – Mercês  
80810-040 Curitiba, PR  
freiRoger@yahoo.com.br

## LIVROS RECEBIDOS

### **Da Editora Vozes**

Flávia Maria Schlee Eyler. *História Antiga: Grécia e Roma*. A formação do Ocidente. Série História Geral. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014, 160 x 230mm, 232 p.

José Maria da Silva (org.). *Papa Francisco*. Perspectivas e expectativas de um Papado. Petrópolis: Vozes, 2014, 160 x 230mm, 197 p.

Fernando José Bondan. *Caminho do discipulado*. Encontros de preparação para a Crisma. Petrópolis: Vozes, 2014, 160 x 230mm, 164 p.

Leonardo Boff. *Teologia do cativo e da libertação*. Petrópolis: Vozes, 7ª edição, 351 p.

Anselm Grün; Friedrich Assländer. *Trabalho e espiritualidade*. Como dar novo sentido à vida profissional. Petrópolis: Vozes, 2014, 135 x 210mm, 183 p.

Christoph Böttigheimer. *Manual de Teologia Fundamental*. A racionalidade da questão de Deus e da Revelação. Petrópolis: Vozes, 2014, 160 x 230mm, 396 p.

Robson Santarém. *As bem-aventuranças do Líder*. A jornada do herói. Petrópolis: Vozes, 2014, 135 x 210mm, 200 p.

Antônio Moser. *Teologia Moral*. A busca dos fundamentos e princípios para uma vida feliz. Petrópolis: Vozes, 2014, 135 x 210mm, 199 p.

José D'Assunção Barros. *História comparada*. Petrópolis: Vozes, 2014, 135 x 210mm, 181 p.

Flávia Maria Schlee Eyler. *História Antiga: Grécia e Roma*. A formação do Ocidente. Petrópolis: Vozes; Editora PUC-Rio, 2014, 160 x 230mm, 232 p.

Alfred Gell. *A Antropologia do Tempo*. Construções culturais de mapas e imagens temporais. Coleção antropologia. Petrópolis: Vozes, 2014, 160 x 230mm, 327 p.

Heloísa Lück. *Gestão do processo de aprendizagem pelo professor*. Série Cadernos de Gestão, vol. VIII. Petrópolis: Vozes, 2014, 120 x 180mm, 173 p.

Magali Aparecida Silvestre; Wagner Rodrigues Valente. *Professores em residência pedagógica*. Estágio para ensinar Matemática. Petrópolis: Vozes, 2014, 135 x 210mm, 103 p.

Reuven Feuerstein; Rafael S. Feuerstein; Louis H. Falik. *Além da inteligência*. Aprendizagem mediada e a capacidade de mudança do cérebro. Petrópolis: Vozes, 2014, 135 x 210mm, 259 p.

Sinivaldo Silva Tavares; Delir Brunelli (orgs.). *Evangelização em diálogo*. Novos cenários a partir do paradigma ecológico. Petrópolis: Vozes, 2014, 160 x 230mm, 173 p.

Mariana Bandeira; Lúcia Abelha Lima; Sabrina Barroso (orgs.). *Avaliação de serviços de saúde mental*. Princípios metodológicos, indicadores de qualidade e instrumentos de medida. Petrópolis: Vozes, 2014, 160 x 230mm, 263 p.

Antonio /Flavio Moreira; Vera Maria Candau (orgs.). *Currículos, disciplinas escolares e culturas*. Petrópolis: Vozes, 2014, 135 x 210mm, 357 p.

Jörn Rüsen. *Cultura faz sentido*. Orientações entre o ontem e o amanhã. Petrópolis: Vozes, 2014, 135 x 210mm, 361 p.